

Taturana

Lorini, Irineu. Secchi, Valdir Antonio. Duarte, Alaour Candida.

Fólder /

Cód. Acervo: 52799

© Emater/RS-Ascar



Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.12287/52799>

Documento gerado em: 07/11/2018 16:39

O Repositório Institucional (RI) da Extensão Rural Gaúcha é uma realização da Biblioteca Bento Pires Dias, da Emater/RS-Ascar, em parceria com o Centro de Documentação e Acervo Digital da Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CEDAP/UFRGS) que teve início em 2017 e objetiva a preservação digital, aplicando metodologias específicas, das coleções de documentos publicados pela Emater/RS- Ascar.

Os documentos remontam ao início dos trabalhos de extensão rural no Rio Grande do Sul, a partir da década de 1950. Portanto, salienta-se que estes podem apresentar informações e/ou técnicas desatualizadas ou obsoletas.

1. Os documentos disponibilizados neste RI são provenientes da coleção documental da Biblioteca Eng. Agr. Bento Pires Dias, custodiadora dos acervos institucionais da Emater/RS-Ascar. Sua utilização se enquadra nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
2. É vetada a reprodução ou reutilização dos documentos disponibilizados neste RI, protegidos por direitos autorais, salvo para uso particular desde que mencionada a fonte, ou com autorização prévia da Emater/RS-Ascar, nos termos da Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
3. O usuário deste RI se compromete a respeitar as presentes condições de uso, bem como a legislação em vigor, especialmente em matéria de direitos autorais. O descumprimento dessas disposições implica na aplicação das sanções e penas cabíveis previstas na Lei de Direito Autoral, nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998 e no Código Penal Brasileiro.

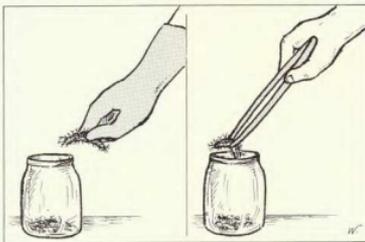
Para outras informações entre em contato com a Biblioteca da Emater/RS-Ascar - E-mail: biblioteca@emater.tche.br

CONSIDERAÇÕES FINAIS: CUIDADOS E PRIMEIROS SOCORROS

As **taturanas**, como outros insetos e animais perigosos, fazem parte da cadeia biológica da Natureza. Portanto, não resolve exterminar, mas saber conviver com as **taturanas**.
O melhor remédio é não pegar ou tocar nestas lagartas.

Caso ocorrer acidente com **taturanas**, deve-se:

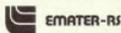
1. Procurar socorro médico imediato.
2. Levar junto algumas **taturanas** para identificação.



CUIDADO: Não pegar diretamente as **taturanas** com as mãos. Usar luvas ou pinça para colocar as **taturanas** no frasco.

ATENÇÃO: A pessoa acidentada pela **taturana** fica em **estado-de-risco**, e se não for atendida **imediatamente** pelos médicos, pode morrer.

Governo do Estado do Rio Grande do Sul
Secretaria da Agricultura e Abastecimento



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA
Instituto de Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária
Centro Nacional de Pesquisa de Trigo - CNPT



UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE MEDICINA

Elaboração Técnica:
Eng. Agr. M.Sc. Vinícius Lorenzi - CNPT/EMBRAPA
Eng. Agr. M.Sc. Vagner A. Secchi - EMATER/RS
Dr. Aluísio C. Duarte - Médico nefrologista, Faculdade de Medicina - UFF

**GOVERNO
DO ESTADO**
A FORÇA QUE VEM DO POVO

TATURANA



Lonomia oblíqua (Lep., Saturniidae)



Mão de pessoa mostrando edema e mancha escura.



Hemorragia, sintoma típico provocado pela toxina.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o início do século, tem sido registrada a ocorrência de *taturanas* do gênero *Lonomia* spp., no sul do Brasil. Há registros de acidentes hemorrágicos causados por *taturanas* na Venezuela, em 1969 e, em outros países como: Argentina, Bolívia, Equador, México, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, entre outros.

No Brasil, em 1982, registraram-se casos de óbitos por *taturanas* no Estado do Amapá. No Rio Grande do Sul, no período de 1989 a 1992, foram registradas quatro mortes atribuídas à espécie identificada como *Lonomia obliqua* Walker (Lep., Saturniidae) (Fig. 1). Além do Amapá e Rio Grande do Sul, a ocorrência de *taturanas* tem sido assinalada nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Espírito Santo, Amazonas, Bahia e Pará.

Nos últimos anos, mais de cem pessoas foram acidatadas com os espinhos venenosos dessas lagartas.

Os sintomas típicos na pessoa acidatada são *edemas* ou *manchas escuras* na pele (Fig. 7) e *hemorragia* interna e externa (Fig. 8).

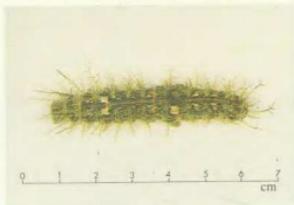


Fig. 1 - *Lonomia obliqua*, lagarta desenvolvida.



Fig. 2 - *L. obliqua*, mariposa-fêmea.



Fig. 3 - *L. obliqua*, mariposa-macho.

Após o acasalamento, as mariposas-fêmeas fazem a oviposição nas folhas e troncos das árvores (Fig. 4).



Fig. 4 - *L. obliqua*, ovos.

ASPECTOS BIOLÓGICOS DO INSETO

O inseto, na fase adulta, é uma mariposa, que aparece no ambiente nos meses mais quentes do ano, de novembro a março, vivendo cerca de 10 semanas.

A mariposa-fêmea (Fig. 2) apresenta coloração cinza-escura, enquanto que a mariposa-macho (Fig. 3) é amarelo-alaranjada. Ambos adultos possuem listra transversal sobre as asas.

As lagartas eclodem após 10 dias de incubação dos ovos, passando a se alimentar de folhas e a desenvolver-se, podendo atingir 7 centímetros de comprimento (Fig. 1), quando a seguir se transformam em pupa (Fig. 5). Nesta fase, permanecem em dormência, durante o inverno sob restos vegetais, até novembro, quando se transformam em mariposas, reiniciando o ciclo.



Fig. 5 - *L. obliqua*, pupa.

As lagartas têm hábitos gregários, durante o dia vivem agrupadas nos troncos de árvores como: cedro, ipê, figueira-do-mato, abacateiro, pessegueiro, plátano, araticum, seringueira, pereira, amoreira, figueira, entre outros hospedeiros (Fig. 6).



Fig. 6 - *L. obliqua*, lagartas agrupadas.

À noite, as lagartas saem para se alimentar. Próximo à época da transformação em pupas, as lagartas permanecem no tronco, perto do solo, momento em que acontece a maioria dos acidentes com as pessoas.

A fase larval (lagarta) dura aproximadamente 3 meses, podendo, entretanto, serem encontradas lagartas de novembro à maio, quando empupam no solo, sob restos vegetais. Somente a lagarta é perigosa para as pessoas.

SINTOMAS DE ENVENENAMENTO

Em contato com os espinhos da lagarta, a pessoa apresenta imediata irritação no local atingido, seguida de dor e desconforto geral. De 1 a 12 horas após o contato, podem aparecer manchas escuras (cor de vinho) no local atingido, (Fig. 7), e em outras partes do corpo, por causa da hemorragia abaixo da pele.



Fig. 7 - Mão exibindo edema e mancha escura.

Devido à alteração na coagulação do sangue provocada pelo veneno da lagarta, poderá haver sangramento pelo nariz, gengivas, urina e até em pequenos ferimentos (Fig. 8).



Fig. 8 - Sangramento no local do brinco.

Complicações mais graves, como falta do funcionamento dos rins e sangramentos no cérebro, podem ser fatais.